

## UMA REVITALIZAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL E SOBRE O ESCRITOR ÁLVARES DE AZEVEDO

**Ana Luiza de Oliveira Hirsch**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

([ana.ohirsch@gmail.com](mailto:ana.ohirsch@gmail.com))

**Aparecida Maria Nunes**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

([cydamaria@gmail.com](mailto:cydamaria@gmail.com))

### Resumo

Este estudo configura-se como uma primeira aproximação de um trabalho exaustivo, de caráter historiográfico, com objetivo de reunir informações biográficas e literárias sobre o escritor Álvares de Azevedo. Para tanto, faz-se necessário trazer à baila algumas informações sobre o poeta Lord Byron e sua influência no Brasil, que possibilitou a criação da Escola Byroniana no país, a qual Álvares de Azevedo participou. Dessa maneira, a obra *A Escola Byroniana no Brasil* (1962), de Pires de Almeida mostra-se como ponto de partida para uma revisão da criação dessa escola e de como se construiu o perfil do poeta Álvares de Azevedo. Contrapôs-se o artigo “A coroação da rainha dos mortos” (1982), de Vicente de Azevedo, para a realização de novos estudos e olhares contemporâneos, a fim de examinar com maior profundidade a escola no Brasil. Postula-se ainda, que tanto Byron quanto Álvares de Azevedo demandam uma revitalização de estudos e olhares contemporâneos, que lhes possa conferir a devida importância nos estudos literários.

**Palavras-chave:** Escola Byroniana no Brasil; Álvares de Azevedo; Lord Byron; Escola Byroniana Brasileira revisitada.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## Ana Luiza de Oliveira Hirsch

Licenciada em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Atua nas áreas de Literatura Brasileira, Byronismo no Brasil, Escola Byroniana Brasileira, Álvares de Azevedo e Lord Byron.



[lattes.cnpq.br/1950227369997885](http://lattes.cnpq.br/1950227369997885)



[orcid.org/0009-0000-1634-8077](https://orcid.org/0009-0000-1634-8077)

## Aparecida Maria Nunes

Aparecida Maria Nunes é graduada em Letras e em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo. É ainda doutora e mestre em Letras, na área de Literatura Brasileira, pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo e pós-doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atuou por mais de 15 anos como repórter e atualmente é professora associada da Universidade Federal de Alfenas. Pioneira nos estudos sobre a produção jornalística de Clarice Lispector, publicou o livro *Clarice Lispector Jornalista: Páginas femininas & Outras páginas*, além de outros que organizou para a editora Rocco: *Clarice na Cabeceira: Jornalismo, Correio para Mulheres, Correio Feminino e Só para Mulheres*, sendo que os dois últimos foram traduzidos e publicados na Espanha pela Siruela. Realiza pesquisas principalmente nos seguintes temas: Narrativas de Viagem Medievais, Aspectos da Cultura Ibérica na Literatura Brasileira, Narrativas de Viagem na Contemporaneidade, Clarice Lispector, Literatura e Jornalismo, Imprensa Feminina, Indústria Cultural, Murilo Rubião, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, Bernardo Saturnino da Veiga, "Monitor Sul Mineiro" e Periodismo do século XIX no sul de Minas Gerais.



[lattes.cnpq.br/0364555396799465](http://lattes.cnpq.br/0364555396799465)



[orcid.org/0000-0001-8104-2568](https://orcid.org/0000-0001-8104-2568)

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

## UMA REVITALIZAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL E SOBRE O ESCRITOR ÁLVARES DE AZEVEDO

**Ana Luiza de Oliveira Hirsch**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

([ana.ohirsch@gmail.com](mailto:ana.ohirsch@gmail.com))

**Aparecida Maria Nunes**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

([cydamaria@gmail.com](mailto:cydamaria@gmail.com))

### Considerações iniciais

Com origem em 1827, a Faculdade de Direito de São Paulo serviu de berço para um dos movimentos literários mais importantes do Brasil: a chamada Escola Byroniana. Iniciada em 1835, com as traduções de Byron pelo português e estudante de direito Antonio Craveiro, essa Escola reuniu diversos escritores e tradutores que produziram obras inspiradas pelo Byronismo, entre eles Fagundes Varela, Aureliano Lessa e Álvares de Azevedo. Este último foi o responsável por estabelecer marco divisor nas produções da Escola após a publicação de suas obras póstumas, influenciando não apenas autores byronianos, mas também diferentes gerações da literatura brasileira até a atualidade.

Os objetivos desta pesquisa, portanto, consistem em contextualizar o surgimento da Escola Byroniana no Brasil e do fenômeno Byronismo, bem como analisar a figura de Lord Byron e das produções dele, para compreender como essas influências culminaram na formação de uma escola literária, de uma estética e de um padrão psicológico.

Ademais, a pesquisa sublinha Álvares de Azevedo, ao se debruçar sobre a vida, a personalidade e a atividade política do autor, inquirindo como a imagem do escritor se construiu e se manteve até os dias atuais nas letras brasileiras.

Esta pesquisa, em síntese, propõe-se a contribuir para os estudos literários sobre o Byronismo, oferecendo uma atualização das informações e do perfil de Álvares de Azevedo, por meio de um olhar contemporâneo que ressalte a relevância de seu legado, ao mesmo tempo em que se busca revitalizar a presença da Escola Byroniana no cenário literário brasileiro.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## O Fenômeno “Byronismo”

Lord Byron, um dos principais poetas do período ultrarromântico europeu, nasceu no ano de 1788, na cidade de Londres, Reino Unido. Filho do capitão John Byron, de dinastia nobre, porém pobre, e Miss Catherine Gordon of Gight, Byron não contou com a presença paterna em sua criação. Uma das características marcantes dos primeiros anos de vida foi marcada por uma deficiência em um dos pés, o que acabou sendo um empecilho durante a infância e motivo de *bullying*, necessitando de sapatos adaptados. Sua mãe, Miss Catherine Gordon, era descrita como uma pessoa conturbada, que, em alguns momentos, o tratava muito bem e, em outros, muito mal, caçoando da deficiência do menino. Após o ano de 1796, Byron e a mãe se mudaram para *Highlands*, e o jovem começou a estudar na escola de *Harrow*, posteriormente passando para o *Trinity College*, em Cambridge. Quando jovem, o autor desenvolveu não apenas a paixão pela poesia e literatura, mas também pelos colegas, homens e mulheres, e pelas atividades físicas, o que lhe rendeu porte atlético e viril. De acordo com John Galt, novelista escocês que teve contato próximo com Byron, produzindo a obra *The Life of Lord Byron* (1830), o poeta, ao estudar em Cambridge, publicou sua primeira obra, intitulada *Hours of Idleness* (1807), texto esse que recebeu duros comentários da crítica inglesa. Byron, porém, não desistiu e publicou, anos depois, os dois primeiros cantos de *Childe Harold's Pilgrimage* (1812), que, ao contrário da primeira obra, foi bastante aceita, fazendo com que sua popularidade começasse a se elevar, consolidando fama com as publicações de *The Corsair* e *Lara*, ambas em 1814.

É importante ressaltar que, apesar de o poeta inspirar o nome Byronismo, o fenômeno se iniciou em um período mais antigo. De acordo com a estudiosa da Universidade Federal de São Paulo (USP), Onédia Barboza, responsável por elaborar um trabalho sobre a tradução das obras de Byron no Brasil, o Byronismo “foi uma síntese de tendências que vinham do século XVIII” (ESTÈVE, 1907, [s.p.] *apud* BARBOZA, 1969, p. 9). Dentre essas tendências, destaca-se o período do *Sturm und Drang*, em que há o surgimento da obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johann Goethe, datada de 1774. No enredo, Werther, um jovem apaixonado, comete autoextermínio, algo que tomou grandes proporções e deu início a um suicídio em massa entre os jovens alemães.

O fenômeno Byronismo, intrínseco ao movimento literário da época em que surgiu, o Romantismo, partilha de elementos comuns, tais como a soberania do sentimento em detrimento da razão, a abordagem de temas góticos e melancólicos, o pensamento e o ideal político da defesa da liberdade e da luta social contra opressões, principalmente de regimes monárquicos, entre outros. Por consequência, não é incomum que o fenômeno Byronismo faça referência ao principal poeta europeu do ultrarromantismo do século XIX.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

De acordo com Paixão (2024, p. 56), houveram três grandes motivos que fortaleceram o fenômeno Byronismo durante o período de surgimento do movimento. O primeiro teria sido a Reforma Luterana (1517), por romper com os preceitos teológicos regentes da época e instaurar novo pensamento em parte da população, gerando dúvidas e reflexões sobre as religiões dominantes. O segundo teria sido a Revolução Norte-Americana (1776) e o terceiro, a Revolução Francesa (1789), que mudaram completamente a percepção humana sobre os direitos e o conceito de liberdade. A sociedade europeia da época estava sofrendo grandes mudanças sociais, políticas e religiosas, quando não apenas o Byronismo surgiu, mas também o Romantismo.

Segundo Santos (2014, p. 9), os ideais de liberdade que fortaleceram a primeira fase nacionalista do Romantismo no século XVIII foram marcados pelos ideais iluministas e por uma desconfiança que se elevava em relação às monarquias da época. O movimento possuía diferenças nos países do continente europeu; porém, evoluiu de maneira comum ao longo dos anos. A segunda fase, comumente chamada de “o mal do século”, à qual Byron pertencia, trazia consigo não apenas o sentimento denso e sombrio, mas também o desejo de ir contra a opressão social corroborada pelas camadas mais poderosas da sociedade (SANTOS, 2014, p. 9). A terceira fase, por sua vez, frequentemente denominada “fase social”, trazia consigo elementos pré-realistas e realizava críticas mais diretas nas obras em relação à sociedade, de maneira menos subjetiva ou abstrata. Tendo em vista todos esses elementos das três fases, os autores e artistas do Romantismo tiveram grande importância sociopolítica, ao lutarem a favor de temas que estavam à margem da sociedade. O autor ressalta que:

[...] o artista do romantismo, mais do que ninguém, encontra-se imerso na vida sociopolítica de seu entorno e se vê em uma posição de desconforto, de descompasso com esta, de rebeldia e contestação. Também por estas questões sua obra apresenta seu não-lugar dentro de uma sociedade que não o reconhece, nem tampouco é aceita por ele. “O romantismo é dinâmico em vez de estático, prefere a desordem à ordem, a continuidade à disjunção, o esfumado ao nítido, é mais voltado para dentro do que pra fora”. Sua pulsão artística está baseada na elevação do sentimento em detrimento da razão. (SANTOS, 2014, p. 14)

O Romantismo, por valorizar a desordem e o dinamismo, destacando o sentimento, não foi bem recebido ou compreendido por todos. Em consequência das atuações políticas ativas, os artistas pertencentes a esse movimento eram, muitas vezes, malvistas e mal interpretados pela sociedade, sendo considerados rebeldes. Essa pecha fez com que eles mesmos não se reconhecessem como parte da própria comunidade. É o caso de Lord Byron que, apesar de ser um nobre aristocrata, defendia abertamente e com vigor a vontade do povo, dos trabalhadores e os valores em detrimento da liberdade humana e da república. Para Duarte,

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

A actividade política de Byron resume-se a três notáveis discursos: contra uma lei cruel que prejudicava os trabalhadores que, pela fome, haviam destruído algumas máquinas; contra a perseguição dos católicos irlandeses; e a favor do parlamento anual e do voto para todos os cidadãos. Nestas alocações, como em toda a sua vida política, pugnou sempre pela liberdade, sendo inflexível na sua defesa. Se a sua posição era a de um aristocrata, paulatinamente, foi-se modificando em defesa do povo e da revolução. [...] Opôs-se à forma de governo monárquica preferindo a republicana. [...] (2007, p.285).

O espírito rebelde de Byron não se limitou apenas às participações discursivas ou ao cotidiano, pois esteve presente nas produções literárias que criou. Tudo que constituía Byron tornou-se parte de sua obra, pois ele “próprio é o único e exclusivo protagonista de cada um de seus poemas, o reflexo de suas paisagens” (ALMEIDA, 1962, p.99). As narrativas, os temas e as personagens se ligavam diretamente à composição da figura pessoal de Byron. Don Juan, Lara, Manfredo, se tornaram, então, máscaras, representações e reflexos do próprio autor. Isto é, meros pseudônimos. E os byronianos, ao terem contato com os textos, se tornaram influenciáveis às ideias e comportamentos íntimos de Byron. Para explicar o sucesso do jovem poeta, é importante pensar que a Europa inteira estava passando por muitos conflitos e guerras, fato esse que levou à busca crescente por uma literatura que focasse mais a profundidade dos sentimentos e servisse como uma forma de escapismo. Além disso, com o crescimento da classe burguesa e do poder de compra por parte da sociedade, cada vez mais pessoas podiam comprar obras literárias, o que difundiu o hábito da leitura.

Byron era capaz de abordar temas melancólicos, íntimos e subjetivos, evocando o amor e, ao mesmo tempo, sentimentos de nostalgia por parte do leitor em relação à natureza, provocando, muitas vezes, reflexões nos leitores, sendo também habilidoso na criação de literaturas góticas. De acordo com França (2016, p. 1), a literatura gótica se caracteriza pela representação do medo e da expressão de estéticas negativas, tal como o “sublime terrível da tradição burkeana, o grotesco, o trágico, o melodramático, o *art-horror* etc.” (FRANÇA, 2016, p.1), sendo um gênero resultante de um embate entre

[...] uma percepção de mundo desencantada (Cf. STEVENS, 2000) – com as cidades modernas, com o futuro que o progresso científico nos reserva, com o papel insignificante do homem no cosmos, com a própria natureza dessacralizada do homem – e uma forma artística altamente estetizada e convencionalista, exatamente por ser despreendida do desejo de representar, de maneira imediata, a realidade (FRANÇA, 2017, p.117).

Ou seja, um embate entre o desencanto cotidiano e a revelação do papel insignificante do homem no universo, acabando com o caráter sagrado e intocável que se dava ao mesmo, ocorria à medida que uma representação artística “estetizada” ou estilizada e

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

“convencional” (tradicional, desapegada de representações reais) surgia. França (2017, p.117-118) apresenta como elementos principais do gótico o *locus horribilis*, a personagem monstruosa e a presença fantasmagórica do passado, elementos esses que o poeta dominava em poesias e construções narrativas. O *locus horribilis*, ao empregar ambientações massivas e opressivas que remetem ao fim do mundo, à extinção da humanidade, aos campos de batalha, ao sombrio e a outros cenários semelhantes que evocam sofrimento, é frequente na criação das atmosferas das histórias de Byron; enquanto a presença fantasmagórica do passado, utilizando-se de atos e elementos que ocorreram no pretérito, ressurgiu no presente, manifestando-se através de lembranças e atormentações sofridas pelas personagens. Por último, a personagem monstruosa, representada por vilões, espíritos e outras entidades malignas, está presente em vilões e anti-heróis byronianos. Byron ainda abordaria temas como a morte, como o cinismo e o tom pessimista, incluindo uma escrita rica em metáforas, figuras de linguagem e ironias.

Após 1814, a influência de Byron não se restringia apenas ao Reino Unido. Na obra *Byron and Byronism in America* (1907), de William Ellery Leonard, é possível verificar que, aos poucos, o autor teve obras traduzidas e vendidas em livrarias de todos os lugares. Elas estavam presentes na Espanha, Dinamarca, Itália, França, Rússia, Alemanha e, posteriormente, na América do Norte, por meio de magazines. Byron se tornou um fenômeno não apenas pela produção literária, mas também pela sua figura: um lorde extremamente bonito para a época, envolvido em diversos escândalos. O poeta teve muitos amantes, tanto homens quanto mulheres, de idades variadas. Além disso, atuava ativamente contra princípios políticos conservadores e era a personificação do típico herói romântico, tendo morrido durante a guerra, enquanto lutava pela instauração de uma república na Grécia, em 1824.

É importante acrescentar que a influência dos ideais de Byron, de seus comportamentos, da literatura que o antecedia, do ultrarromantismo e da própria poesia do autor sobre o comportamento geral dos jovens byronianos fazia com que eles desenvolvessem um padrão psicológico-comportamental característico e comum. Para descrevê-los, Paixão afirma:

[...] Os byronianos se sentem sozinhos porque não veem pessoas semelhantes à sua forma de agir para lhes fazerem companhia. Além disso, eles preferem a solidão à companhia, pois sua associação irradia o caos a todos de que se aproximam. Por causa disso, ocultam uma tragédia que ocorreu a alguém que se relacionou com eles. Esse sentimento de culpa aliado à visão aguçada das injustiças humanas tornam os byronianos desencantados, melancólicos e céticos, logo, o mundo tornou-se paupérrimo, vazio e ilusório. Os byronianos não creem num Salvador, portanto, aproveita o resto de vida para extravasar nos vícios, como se estivessem sendo engolidos por uma areia movediça num deserto remoto e acendesse um cigarro para desfrutar os últimos momentos de vida. (2024, p. 56)

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Os byronianos, dessa maneira, são descritos como indivíduos melancólicos, solitários, sem crenças religiosas e que propagam uma espécie de caos a todos. Isto é, irradiam ideais e possuem um comportamento comumente destrutivo não somente a eles próprios, mas também às pessoas que os rodeiam. O mundo para os byronianos, segundo o pesquisador, é vazio e ilusório, o terreno não importa. Desse modo, os byronianos estão sempre mergulhados em vícios e em prazeres carnis. Eles não acreditam em céu ou inferno, muito menos no pecado, vivem à razão do viver pelo ato do viver. Eram epicuristas, dando o título justificado à própria Escola Byroniana Brasileira de “sociedade epicureia”. Para Freire (2010, p.40), isso se deu por causa do filósofo grego Epicuro, cujas ideias eram viver aproveitando ao máximo e sem temer a morte. O autor defende que os byronianos brasileiros teriam levado a filosofia de maneira um tanto radical, exagerando nos prazeres da comida, da bebida, do sexo e do tabaco, que acabaram se tornando componentes modernos característicos do Epicurismo e do Byronismo moderno.

É pertinente ressaltar que o fenômeno Byronismo não atingiu somente a Europa, mas principalmente o Brasil do século XIX, dando origem a chamada Escola Byroniana Brasileira. Um grande grupo de escritores jovens, tradutores e aficionados por Byron, principalmente alunos do curso de Direito da Universidade de São Paulo, reunia-se para realizarem declamações, traduções e difundirem criações autorais inspiradas pelo poeta. Também é importante pontuar que, apesar de o Byronismo no Brasil ter sofrido fortes influências do Byronismo europeu, o grupo se caracterizou por interpretar a obra do Lord de maneira completamente diferente e desenvolveu peculiaridades culturais.

## O Byronismo no Brasil

Durante o reinado de D. João VI, o Brasil necessitou da criação de muitos pontos de apoio para o funcionamento de diversas instituições. De acordo com Candido (2000, p.215-217), nesse período, conhecido como Época das Luzes, houve grande aumento no desenvolvimento do país e conseqüentemente da produção literária e da difusão cultural graças a mais alguns fatores além da criação dos pontos de apoio na época. Esses fatores eram constituídos pela intensa migração corrente da época, pela transferência da família real para o Brasil em 1808 e pelo fortalecimento progressivo do Rio de Janeiro, sede da monarquia. Por conseguinte, toda essa produção literária que estava sendo gerada exprimia a necessidade de uma literatura de caráter nacional, principalmente a partir do reconhecimento da capital do Rio de Janeiro, pois o país estava crescendo e se tornando independente culturalmente.

Com o desenvolvimento do país e a criação posterior de cursos técnicos e superiores, tais como o naval, o militar, o de comércio, o de medicina e o de Direito, a escolarização dos brasileiros se elevou para outra categoria, pois agora já não era necessário viajar para a Europa para graduar-se. Para Coutinho (2023, p.23), importante mudança no

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

fortalecimento da difusão literária no país foi advinda da imprensa, isto é, não apenas com a criação da Imprensa Régia, mas com os futuros jornais e revistas que surgiram e se seguiram durante os anos, como o *Correio Brasiliense* (1808-1822), *Aurora Fluminense* (1827), *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (1812), entre outros. Ademais, outro fator de difusão foram as bibliotecas, antes pertencentes apenas aos conventos até o ano de 1808, que começaram aos poucos a surgir no país com a ajuda da iniciativa privada de algumas pessoas. Candido (2000, p.218-220) comenta que a Biblioteca Real, criada em 1810, foi aberta ao público em 1814 e contava com mais de sessenta mil exemplares em 1820, a maioria em inglês e francês, contendo também alguns volumes escassos em latim e alemão. As livrarias no país, apesar de pouco frequentadas e com poucos volumes, também iam crescendo, havendo oito unidades no Rio de Janeiro em 1821. Os tempos estavam mudando e as pessoas cada vez mais se interessando pelos livros.

Porém, foi com a independência do país, que a literatura brasileira desempenhou uma função ainda mais nacionalista e patriótica, principalmente a fim de valorizar a cultura presente no país e desvincular a imagem do Brasil de Portugal. Entretanto, apesar das tentativas e da intenção de desvincular a literatura brasileira da literatura europeia, o Romantismo brasileiro recebeu bastante influência de autores franceses e alemães, que por conseguinte, se inspiravam fortemente em Chateaubriand. Candido (2000, p.263-264) cita exemplos como Teodoro Taunay, Édouard Corbière, Gavet, Boucher, e o alemão Ferdinand Denis, que morou no Brasil entre 1817 e 1821, e foi responsável por escrever *Cenas da Natureza nos Trópicos*, obra que, de maneira literária, aborda a natureza da época no Brasil e as impressões que teve; Denis também escreveu um romance sob o título *Os Machakalis*, obra considerada como a primeira tentativa de ficção indianista, além de *Camões e José Índio*, uma narrativa sobre o poeta português Camões. De acordo com o pesquisador (1999, p.36), essa época daria início ao chamado pré-romantismo, com poucos poetas, arcádicos e neoclássicos, que apresentavam elementos pré-românticos, e posteriormente, em 1830, ao Romantismo.

Coutinho (2023, p.23) definiu o Romantismo como uma transformação estética, poética e estilística que se opõe ao estilo neoclássico setecentista. O movimento realizava um remonte ao medievo, ou, nas palavras do autor, aos “modelos medievais”, e trazia consigo no contexto brasileiro, em primeiro momento, grande necessidade de mudança, inconformismo e emancipação literária. Essa primeira fase, dotada de descrições das paisagens e da natureza brasileira, poesias patrióticas e sermões nacionalistas, reivindicava caráter nacionalista e regional para a literatura, colocando o indígena e suas “tribos” como personagens principais nas obras, e visava a transformar moldes estrangeiros. Esse movimento, segundo o autor, foi uma sequência de quatro grupos, cuja segunda fase do Romantismo, a ultrarromântica, será analisada no terceiro capítulo deste trabalho.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Graças à criação das faculdades de Direito em Olinda, posteriormente transferida para Recife, e outra em São Paulo, surgiu nova comunidade literária próspera e privilegiada no século XIX no Brasil. Os alunos dessas faculdades, advindos de inúmeras famílias de diversas partes do país, logo se tornaram poetas e suas obras ganharam grandes proporções pelo caráter sentimental, individualista, subjetivo, macabro, satânico e irônico, frequentemente aludindo a temas góticos, como a morte e a melancolia, a tristeza subjetiva e o sofrimento do viver. De acordo com Candido,

O modo sentimental e intimista, colorido ou não pelo pessimismo mais ou menos satânico, é um tom geral nesse tempo entre os poetas jovens (**muitos dos quais mortos na quadra dos vinte anos**), e isso os tornou populares numa sociedade sequiosa de emoções fáceis. [...] **Esses jovens poetas que se apresentavam como rejeitados pelas convenções e incompreendidos pela sociedade**, foram paradoxalmente os mais queridos e difundidos no Brasil do século XIX, chegando às camadas modestas pela onda de recitais e serenatas que cobriu o país. (1999, p. 44, grifo nosso)

Nota-se que a morte juvenil e recorrente dos poetas da fase ultrarromântica brasileira assemelha-se à dos jovens leitores de Werther, do período do *Sturm und Drang*. Pode-se atribuir tal fato aos surtos frequentes de doenças, como a sífilis e a tuberculose, que ocorriam entre a população da época, fazendo com que os jovens se contaminassem facilmente durante encontros, reuniões e outras atividades coletivas. Ademais, o tema da morte era recorrente e comum, e os escritores estavam mergulhados em profundo pessimismo e melancolia. Desse modo, alguns acabaram tirando a própria vida ou desenvolvendo um estilo de vida precário que os levava a uma morte precoce. Também é importante ressaltar que a Escola Byroniana Brasileira constituía uma comunidade à parte da sociedade, pois os integrantes se sentiam incompreendidos e rejeitados, como afirma Candido (1999, p. 44), tendo muitos escritores vivido em extrema solidão.

## A Escola Byroniana no Brasil

Um dos principais autores responsáveis por registrar aspectos e informações importantes do período da Escola Byroniana e disseminar na literatura brasileira foi Pires de Almeida, criador do romance literário *A Escola Byroniana no Brasil* (1962). A obra feita com base na própria experiência do autor foi lançada pela Comissão de Literatura do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, contendo 224 páginas.

De acordo com Nunes (1995, p. 53), José Ricardo Pires de Almeida nasceu em 7 de dezembro de 1843 no Rio de Janeiro. Após cursar três anos de Direito na Faculdade de São Paulo, formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Dentre as contribuições de Pires, destaca-se a função de arquivista em uma Câmara Municipal, a de médico adjunto da

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Inspetoria Geral de Higiene, e a de escritor, elaborando diversas obras para medicina, teatro, comédia, temas escolares, entre outros. Para Gondra,

A sua produção escrita é bastante diversificada. A título de exemplo, no volume 2 da Coleção Pires de Almeida do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, encontramos recortes de jornal, onde o autor demonstra seu interesse pelas seguintes questões: a Santa Casa da Misericórdia, a emigração italiana, o Asylo dos Expostos do Rio de Janeiro, a economia doméstica, a Sociedade dos Amantes da Instrução, o carnaval (origem), a imprensa, o saneamento da cidade, a febre amarela, o corte das matas, as fábricas de tecidos no Rio de Janeiro e em suas províncias, o montepio civil, a escola de medicina nos tempos coloniais e o saneamento de Petrópolis. (1996, p. 172)

Foi graças às vivências do autor durante os três anos cursando Direito na Universidade de São Paulo, centro do Byronismo no Brasil, que o autor obteve contato com a escola e autores e tradutores na época. *A Escola Byroniana no Brasil* (1962) visa a se transportar para o ano de 1903, acompanhando a viagem de um grupo de jovens byronianos, que estavam se mudando para estudar em São Paulo. O narrador é um dos estudantes, que ao chegar na cidade acadêmica, é acolhido em uma casa onde conhece Chica Prosa, mulher de meia idade responsável por cuidar dos estudantes e que teria cuidado anos antes de Álvares de Azevedo, o Byron brasileiro. O enredo se desenrola a partir da comunicação do narrador com Chica Prosa, pedindo, inclusive, para que ela mostre os antigos aposentos de Azevedo e conte sobre ele, sobre observações do narrador sobre outros escritores e tradutores, inferências da cidade e descrições dos comportamentos dos jovens byronianos brasileiros do século XIX.

Estima-se que os jovens byronianos tenham tido contato com as obras de Byron por meio das traduções em francês de Alfred Musset ou no idioma original, apesar de serem escassas no país (PAIXÃO, 2024, p. 57). No início da história, conhecemos padre José Romão de Sousa Fernandes e alguns outros nomes como Varela, João Júlio, Nepomuceno, Gennesco, Dalmo, Juvenal, Inacinho, Almeida, Barreto, Augusto e o narrador, todos rapazes viajantes a caminho da escola de Direito de São Paulo. No meio do caminho, possuem um problema durante uma tempestade e acabam por encontrarem apenas uma locanda, intitulada “Pouso das Caveiras”, regida pelo senhor Caleb. Nesse lugar, os rapazes byronianos resolvem comemorar o instante fazendo o uso de crânios humanos como taças. Almeida narra a cena do seguinte modo:

Apagamos as velas. E, servindo-nos de taças os crânios, as enchemos à porfia da saborosa bebida. / O líquido incendiado, bruxuleava em flamas azuladas... / Todo êsse cenário produzia um efeito fantasmagórico: as labaredas projetando em os nossos semblantes, nesse lusco-fusco proposital, reflexos móveis e indecisos, os transformava em cadaverosas facies. / E a beberagem fervilhava sempre. / Em tal estado de viva exaltação, atiramos chufas à Morte, conjuramos

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

os demônios, rendemos preto de amor e ternura às hediondas e implacáveis Fúrias, praguejamos contra Deus, e vilipendiamos o próximo! Tudo profanamos. - De tudo blasfemamos! O nosso cepticismo era clamoroso, explosivo, inaudito, porquanto chegamos a pôr em dúvida os sentimentos mais arraigados d'alma. (1962, p. 27)

Essa característica de comemorar bebendo de uma caveira era inspirada em Byron, pois, certa vez o autor teria encontrado um crânio nos jardins de onde morava em Newstead, que anteriormente era uma abadia, mandando para a cidade produzir do crânio uma espécie de taça. Isso se comprova em um relato feito a um amigo chamado Thomas Medwin, em que Byron diz:

Observando que era de tamanho gigantesco e estava em perfeito estado de conservação, uma estranha ideia me ocorreu de mandá-lo montar e transformar em um cálice para beber. Assim, enviei-o à cidade, e ele retornou com um polimento impecável e uma coloração rajada, como casco de tartaruga;...../Lembro-me de ter rabiscado algumas linhas sobre isso;...../<sup>1</sup> (LOVELL Jr., 1966, p. 65, *apud* BARBOZA, 1969, p. 18, tradução nossa)

Entretanto, é importante ressaltar que as comemorações e beberagens realizadas com crânios feitas por Byron e amigos na Europa eram muito diferentes das descritas pelos byronianos brasileiros. A última frase presente no relato de Byron é de um de seus poemas, que não traz consigo nenhuma ideia macabra, pelo contrário, carrega consigo uma ideia de brincadeira, “[...] são inocentes e bastante semelhantes a outras farras de rapazes alegres e divertidos” (BARBOZA, 1969, p.18). Em contrapartida, o comportamento da Escola Byroniana Brasileira parecia totalmente diferente, exaltando o macabro, a morte, conjurando demônios e satã.

Outro acontecimento importante no livro de Pires de Almeida que demonstra a configuração do perfil dos byronianos no Brasil surge quando os jovens finalmente chegam a São Paulo e se dividem em duplas para irem até as repúblicas em que morariam. É nesse momento em que o narrador conhece Chica Prosa e apresenta interesse de saber sobre a vida e os aposentos de Álvares de Azevedo, antigo estudante da cuidadora. Ela, descrita como uma mulher faladora e simpática, não apenas descreve o quarto de Álvares, como leva o narrador até a antiga sede da Escola Byroniana,

---

<sup>1</sup> Observing it to be of giant size, and in perfect state of preservation, a strange fancy seized me of having it set and mounted as a drinking-cup. I accordingly sent it to town, and it returned with very high polish, and a mottled colour like tortoise-shell;...../ I remember scribbling some lines about it;...../ (LOVELL Jr., 1966, p. 65, *apud* BARBOZA, 1969, p. 18).

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Era, relatou ela, uma sala deveras lúgubre, com uma única janela, que dava para o cemitério e acaçapada porta oculta por amplo pano encarnado. A mesa de estudo ficava em frente e a pequena distância da janela; e como o poeta não compunha de dia, era indício de sua ausência quando aquela estava fechada. / Seu aposento era um completo museu mortuário. / Nas paredes e no teto, forrados de prêto, viam-se ornamentos singulares, bem como estrelas e lágrimas prateadas, e diabretes semelhando fogo. / As poucas cadeiras eram decoradas no mesmo gênero; e, a um dos ângulos da peça, notava-se uma espécie de divã em forma de tumba, que lhe servia de cama. / A mesa de estudo eram duas lousas, sôbre cavaletes encarnados; e a livraria, que ocupava todo o espaço de uma parede, constituía-se da reunião de cinco pedras tumulares, intercaladas de crânios, e dispostas em prateleiras. Sobre a plancha de mármore superior várias corujas e morcegos empalhados; e à cabeceira do aludido leito, solene urubu-rei, cujas asas abertas abrigavam o poeta, adormecido, dos besouros que, desertando do cemitério, invadiam-lhe o retiro, perturbando-o em seus devaneios. / Não se utilizava das velas comuns durante o trabalho mental; alumia-se com tochas de entêrro, fincadas aqui, acolá. / Sua mesa de estudo era simplicíssima: por tinteiro, uma rótula cavada no centro, posta sôbre duas clavículas em cruz, por castiçal, um osso longo, em que implantava a vela de cêra de que se utilizava nas prolongadas meditações. / Alguns crânios de feto, dispersos e sem ordem, parelhando com os demais objetos de escritório, serviam-lhe de guarda-penas, lacre, obreias, selos, etc.. / Por bacia de rosto, quebrada pia de água benta, trazida da derrocada capelinha da solitária necrópole. / **Era realmente um compartimento bizarro e extravagante, onde tudo parecia encaminhar o pensamento à vida de além-túmulo.** [...] (ALMEIDA, 1962, pp. 54-55, grifo nosso)

De acordo com a descrição dada por sinhá Chica, o quarto de Álvares de Azevedo era a reunião de todos os elementos macabros desejáveis e existentes no Byronismo. Adornos como diabretes que se assemelhavam a fogo, peças retiradas diretamente do cemitério como mármore e pedras tumulares, tochas fúnebres, crânios reais de fetos, e o local de dormir do poeta era em formato de tumba. Todos os elementos culminando em um *memento mori*, um termo em latim que reflete sobre o estado de se estar vivo e de saber que morrerá. Como Almeida frisa “onde tudo parecia encaminhar o pensamento à vida de além-túmulo”, pois não é apenas uma exaltação superficial a morte e ao macabro, é uma reflexão, não sobre o pós-morte, mas sobre o além da morte.

Sabe-se que Álvares de Azevedo, ao se mudar para São Paulo para estudar Direito, formou república na Chácara dos Ingleses com Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães. A casa, situada no início da cidade, ficava bem ao lado do Cemitério dos Aflitos, que também continha uma capela, inclusive mencionada por Chica Prosa ao dizer sobre a quebrada pia de água benta de Azevedo. Não é possível afirmar que o quarto do poeta era decorado da forma com que Almeida descreve; porém, é fato que a república do poeta foi considerada “república

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

byroniana”, havendo muitos encontros de autores e tradutores adeptos à escola, o que gerava boatos sobre ela.

Um dos boatos mais famosos girava em torno das orgias e reuniões não apenas na casa, mas também no cemitério. Novamente, quem descreve as informações é Chica Prosa, após ser questionada pelo narrador da obra de Almeida, que revela as informações de que, durante as noites escuras e tempestuosas, os jovens se reuniram com moças de branco no cemitério, vestidas de véu e grinalda, para cearem na capela, para logo após revolverem as sepulturas dos mortos e realizarem um bacanal. Uma passagem do livro, porém, se destaca: a chamada “coroação da rainha dos mortos”, momento em que, os jovens byronianos absortos no cemitério, decidem realizar uma celebração coroando uma rainha dos mortos. Segundo Almeida, eles teriam revirado o túmulo de uma senhora chamada Eufrásia, de ossos já decompostos. Ao verem uma mulher em uma janela longe, decidiram invadir uma loja maçônica de itens fúnebres e ritualísticos para sequestrar a tal mulher, enterrando-a no caixão e no túmulo de Eufrásia. Como se não bastasse o absurdo narrado, o autor relata que, ao atravessarem a quadra dos Israelitas, onde antigamente os não católicos eram sepultados separadamente, um dos jovens, Faliero, deparou-se com o sepulcro de uma moça chamada Judith, uma judia de 20 anos por quem era apaixonado, mas com quem não pôde se casar em vida. O resultado, nas palavras do autor, foi uma osculação de cadáver misturada com declamação de poesia, e, no final de tudo, todos fugiram, e o acontecido acabou resultando em um processo judicial e acadêmico nas palavras de Almeida.

É importante ressaltar que há controvérsias em relação às informações apresentadas em *A Escola Byroniana no Brasil* (1962). O livro apresenta exageros ao narrar alguns boatos que circulavam, como o da “coroação da rainha dos mortos”, investigado por Vicente de Azevedo em uma pesquisa publicada no artigo “A coroação da rainha dos mortos” (1982). Nesse estudo, o pesquisador examinou os registros de sepultamentos realizados entre as décadas de 1860 e 1870 e não encontrou nenhuma Judith, tampouco uma Eufrásia, nos anos de 1858 a 1870, que correspondesse às descrições feitas por Almeida. As investigações também analisaram a existência de registros na Justiça e na Faculdade de Direito de São Paulo sobre o caso, como retrata o escritor, mas nenhum documento foi localizado. Além disso, nada foi encontrado na mídia sobre “jovens estudantes de Direito sequestradores de mulheres e osculadores de cadáveres”, embora, em 1860, já circulassem jornais importantes em São Paulo, como o *Correio Paulistano* e o *Farol Paulistano*.

Segue-se para mais um boato propagado na época, e este, na linha cronológica na história de Almeida, feito após o bacanal dos jovens com as amantes em trajes pudicos, a famosa “Missa negra”, um ritual que realmente existe.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

[...] Em seguida, o mais inveterado bebaça, cambaleando, ordenava que se celebrasse a missa negra. / E o bebaça, oficiando, cerimoniava o santo sacrifício da missa; as vexas, porém, servindo de altar duas belas morenas, de braços enlaçados, tendo como imagem uma outra messalina, de braços erguidos, e sovacos à mostra. / Na situação mais solene, como para protestar contra a feição mitigada que os byronianos paulistas imprimiram à clássica missa negra da feiticeira Voisin e do frade Gribourg, convertendo-a em um pleito excitante para a poética, e por isso fazendo-a presidir, não como dois estilos, pelo símbolo da Volúpia e do Satanismo, mas unicamente pelo da Volúpia em pessoa, representada em uma apetitosa mulher, um catinguento e ramalhudo bode, de olhos gázeos, mitra e vestes episcopais, surge de uma sepultura vazia, e assentando as patas dianteiras no rebordo da escavação, atroou os ares com repetidos berros. (ALMEIDA, 1962, p. 64)

A missa negra realizada pelos byronianos era uma celebração que nada tinha a ver com os rituais realizados pelos satanistas ou por outras entidades. Nada mais era que a representação contrária à de uma missa comum cristã, utilizando de elementos que fossem totalmente contra os ideais defendidos pelo Cristianismo. Nesse ritual, ocorria um sacrifício fictício em que uma mulher era escolhida, tendo os braços presos e erguidos, e colocada sobre um altar à vista dos outros byronianos presentes. A mulher posta em sacrifício representava a volúpia, e a figura do bode, que surge na sequência, estaria ligado ao sobrenatural e a Satã. Enquanto isso, preces ao diabo e citações de poemas eram feitos. É importante lembrar que os byronianos não estavam ligados a nenhuma religião e a nenhum culto, nem mesmo ao satanismo, portanto, um satanista não conseguiria participar de uma missa negra byroniana, pois não entenderia as regras e os costumes, e vice versa.

A Escola Byroniana Brasileira está ligada a uma série de boatos e más impressões propagadas não apenas por algumas pessoas mal intencionadas, mas também por pessoas que não conhecem sua verdadeira natureza. Por se tratar de uma comunidade fechada, era difícil que pessoas de fora tivessem acesso ao estilo de vida e aos modos de pensar do grupo e, por escreverem uma poesia que abordava temas tão macabros e defenderem ideais de vida e políticas tão liberais, indo contra preceitos conservadores, religiosos e morais, não era incomum que histórias assim fossem criadas. A obra de Pires de Almeida é uma mistura de impressões pessoais com exageros dramáticos para construir o romance e, portanto, consta de verdades e fantasias. A verdade é que, para descobrir o que foi realmente a Escola Byroniana no Brasil, é necessário ter um olhar mais cuidadoso, analisando a escola de modo a considerar cada participante, pois cada autor teve suas próprias peculiaridades e contribuições.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## Maneco

Em 12 de setembro de 1831 nasceu Maneco. Foi esse o apelido dado pela família a Álvares de Azevedo. Cresceu em Niterói com a família. O pai, advogado formado em São Paulo. Teve uma infância aparentemente comum, até ser marcada por uma tragédia. A morte do irmão mais novo. Nessa altura, Maneco estava com apenas quatro anos. Devido ao impacto da morte, confiaram sua educação e alfabetização a um mestre particular, que o declarou incapaz: “Uma criança que não daria para nada”, nas palavras do biógrafo Cavalheiro. Em 1840, ingressou no Colégio Stoll, aos 9 anos. Foi sua primeira vez ao lado de colegas e professores. No terceiro mês, tornou-se aluno promessa da instituição, menos na disciplina de ginástica, na qual nunca se esforçou durante a vida. O professor Stoll o recomendou em cartas aos pais como “o melhor dos alunos”. Álvares aprendeu francês, inglês, declamação e desenvolveu conhecimentos em história e geografia. Após cerca de quatro anos, deixou o colégio por motivos de saúde e foi para São Paulo por conselhos de um médico em 1844, retornando apenas no final do ano para cumprir os períodos finais de escola no colégio Pedro II, aos quatorze anos. Em 1847, se formou recebendo solenemente o grau de bacharel em letras, retornando à São Paulo no ano seguinte para ingressar na Faculdade de Direito, deixando no álbum de uma das irmãs uma quadrinha aludindo à separação (CAVALHEIRO, 1954, pp. 9-13). Descrito como uma alma sensível em que a saudade da família e do passado da adolescência e da infância lhe marcava profundamente, Azevedo era fisicamente “[...] de compleição delicada e pequeno. “Moreno, o rosto alegre, a testa ampla. Tinha a conversa agradável, e a voz fina, pouco volumosa, dava palestra um tom de brandura e suavidade” (CAVALHEIRO, 1954, p. 13). O biógrafo afirma que no início, ao chegar em São Paulo, o poeta frequentava bailes, visitava amigos e participava de relações de família. Algo que com o tempo teria o entediado, pois adotou uma rotina totalmente voltada aos estudos, no que escrevia à mãe: “Todos os dias tomo leite de manhã bem cedo e dou um pequeno passeio até as sete horas. De então até as nove ocupo eu o tempo em rever a lição do dia, pois de manhã é a melhor hora para estudar-se” (CAVALHEIRO, 1954, p. 18). Depois, iria para a faculdade, não teria compromissos durante o dia e dormiria bem tarde devido aos hábitos de escrever versos e de ler à noite.

Além de se dedicar à poesia, o poeta ainda mantinha um interesse pelas disciplinas de Direito Romano e Direito Mercantil, ia muito bem nas aulas e durante as férias em que retornava para sua família em Niterói “eram-lhe confiadas causas de importância, e trabalhos seus desse gênero encontravam nos tribunais a merecida consagração”. Cavalheiro descreve Azevedo como “[...] um adolescente pálido, nervoso. De índole doce, é amável com os colegas, atencioso às prédicas dos professores, mas arredio às estudantadas, aos rumores das noitadas boêmias” (CAVALHEIRO, 1954, p. 16). Azevedo era um jovem gentil, extremamente ligado à família, um estudante esforçado e pouco frequentava as festas juvenis.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

O período das férias para o poeta, que deveria ser de descanso, era um período extremamente próspero em que ele produzia ainda mais escritos. De acordo com Cavalheiro, nos últimos três meses de descanso, Azevedo teria produzido um romance de mais de duzentas páginas, dois poemas, uma análise e tradução de “Jacques Rolla” de Alfred de Musset, publicado postumamente pela Tipographia Universal de Laemmert no Rio de Janeiro, no ano de 1855, um estudo sobre “a marcha simultânea da civilização e poesia em Portugal” e um fragmento de um poema “em linguagem muito antiga” (CAVALHEIRO, 1954, p. 22). Além disso, dedicava-se à leitura de seus autores preferidos, como Byron, Musset, Goethe e outros.

Azevedo, além de estudante dedicado e filho afetuoso, era um jovem atento às políticas e aos conflitos do Brasil do século XIX. Conforme Cavalheiro (1954, p.16), durante os estudos letivos, o jovem engajou-se ativamente na comunidade acadêmica, fazendo parte da fundação do “Ensaio Filosófico”, sendo escolhido como orador para o aniversário da instalação dos cursos jurídicos no Brasil e também como orador oficial da sessão inaugural da “Sociedade Acadêmica Ensaio Filosófico”, em 9 de maio de 1850, ambos eventos em que fez discursos importantes sobre seus ideais filosóficos nacionalistas e sobre o valor das universidades.

O escritor não se concentrava apenas nos problemas do país, mas também na construção de soluções para o futuro do Brasil, que, à época, enfrentava intensos conflitos políticos e sociais: de um lado, apoiadores da monarquia; de outro, defensores da república; de um lado, conservadores; de outro, liberais. Entre os episódios que evidenciam essas tensões, destaca-se a Insurreição Praieira, ocorrida em Pernambuco e no Recife, em 1848, considerada a última revolução armada civil do período imperial.

Segundo Carvalho e Câmara (2008, p. 7), o movimento foi resultado de uma “disputa entre facções das oligarquias provinciais pelo poder político local”: os Praieiros, de orientação liberal, e os Guabirus, representantes do conservadorismo. Além da luta entre esses dois grupos políticos, a insurreição também incorporou as demandas das camadas populares mais modestas, como o desejo da nacionalização do comércio a retalho e o combate à hegemonia política e econômica da oligarquia regente em Pernambuco e no Recife, os Guabirus, grupo esse composto em sua maioria por aristocratas, banqueiros e apoiadores da monarquia (p. 17).

O movimento teve início em Olinda e depois avançou para o Recife, sendo desestabilizado em 1848 pelo partido conservador. Nesse contexto, Borges da Fonseca, um dos principais líderes praieiros, foi preso, episódio que serviu de estopim para a redação do manifesto mais conhecido do grupo, o “Manifesto ao Mundo”, no qual foram reunidos os principais ideais da revolta. Entre eles, como citam Câmara e Carvalho (2008, p. 36), estavam: “o voto livre e universal do povo brasileiro; o trabalho como garantia de vida para o cidadão

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

brasileiro; o comércio a retalho só para os cidadãos brasileiros; extinção da lei do juro convencional;" e "extinção do atual sistema de recrutamento".

Além de Borges da Fonseca, uma figura principal contra os conservadores e a monarquia durante a Insurreição Praieira era a do Capitão Pedro Ivo Velloso da Silveira. O guerrilheiro, ao ser perseguido após a derrota da Insurreição Praieira, foge pelas matas brasileiras e sua morte acontece por causas desconhecidas, logo após, em alto mar (CARVALHO; CÂMARA, 2008, p.36-37). Nesse momento, ainda em 1848, Álvares de Azevedo produz um poema — publicado postumamente em 1855 — sobre sua figura, descrevendo-o de maneira heroica, como forma de esperança e de salvação para o Império Brasileiro, em busca de liberdade e defesa da glória. Além disso, há um forte caráter nacionalista vinculado a Pedro Ivo, que é descrito como um "filho do povo" que está sendo acusado por uma "facção ímpia" e "inglória".

Além do poema, há também o discurso feito em 9 de maio por Álvares de Azevedo na sessão inaugural da "Sociedade Academico Ensaio Filosofico", responsável por causar extrema repercussão na Corte, especialmente entre os conservadores, partido em que o pai era ligado através de amizades e parentesco, por causa de seus ideais revolucionários, nacionalistas e de caráter liberal. Álvares decidiu por escrever uma carta ao pai, Inácio Manoel Álvares de Azevedo em 3 de julho de 1850 sobre o ocorrido.

De acordo com Souza (2021, p. 68), o objetivo do poeta ao escrever a carta era de convencer o pai de que o discurso não havia sido de uma política exagerada em postulados liberais e republicanos, o que parece ter dado certo, apesar de a carta estar permeada de ideais políticos do mesmo gênero.

A propósito do manuscrito de discurso, duas palavras. Não é intenção nenhuma política minha... nêle. Este discurso não é mais que o desenvolvimento da idéia esboçada no dia 11 de agosto. Falei aí na missão das Academias: falo neste da influência política dessa missão. Até aí não mais do que uma dedução de idéias". (AZEVEDO, 1855, p. 101, *apud* SOUZA, 2021, p. 69)

Para Cavalheiro (1954, p.21), Azevedo acrescenta que suas ideias políticas poderiam ser resumidas em menos discursos excessivos e mais convicções. Isto é, comprometimento real com o que se diz, menos agitação relacionada ao liberalismo e mais criações de instituições reais baseadas nos princípios do movimento.

O que lamento é que a Constituição garanta instrução primária e que ela não se dê; que ela garanta universidades, e que ninguém cure de realizar a máxima fundamental. Creio, portanto, que não há esperar a realização daquilo que sonhou o imperial constituinte e que não pôde objetivar o esparzimento de luz

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

científica pelas massas, que as fizesse erguer como as estátuas de argila de Prometeu, da parte ao menos dos governos: e por isso o único elemento donde eu posso esperar alguma coisa a êsse respeito são as academias. Teoria é essa que, repito, nada tem de repulsiva. (1954, p. 21)<sup>2</sup>

Os ideais republicanos para o poeta estavam mais de acordo com o progresso do país em relação aos monárquicos. Além disso, é perceptível a valorização em relação às revoluções sociais e a exaltação dos primeiros cristãos e dos revolucionários laicos de 1789, fazendo menção também a nacionalistas italianos, a Napoleão, a Lamartine e a Pierre Leroux. Ademais, o autor menciona Byron, Goethe, Chateaubriand e Benjamin Constant, autores importantes na configuração do Romantismo, para refletir sobre a existência de uma literatura composta por uma estética negativa e desesperadora, revelando um trecho fundamental sobre o estado profundo da sociedade em que vivia. Para Azevedo, o Brasil estava imerso em uma anarquia, em um sentimento de dúvida e de desordem, no qual o espírito humano estaria afetado pela destruição causada pelo antigo regime social e religioso, se referindo ao sistema teológico feudal.

Byron em todas as suas obras e em toda a sua vida, Goethe em Werther et Faust, Schiller nos dramas de sua juventude, Chateaubriand em René, Benjamin Constant em Adolphe, Sénancourt em Obermann, Sainte-Beuve no livro que acabamos de caracterizar [Vie, Poésies et Pensées de Joseph Delorme] uma multidão inumerável de escritores ingleses e alemães e toda essa literatura de verve delirante, de audaciosa impiedade e terrível desespero que preenche hoje nossos romances, nossos dramas e todos nossos livros, **eis aqui a escola, ou melhor, a família dos poetas que nós chamamos byroniana: poesia inspirada pelo sentimento vivo e profundo da sociedade atual, o que significa do estado de anarquia, de dúvida e de desordem onde o espírito humano está hoje mergulhado por consequência da destruição da antiga ordem social e religiosa (a ordem teológica feudal) e de proclamação do princípio igualdade, que deve engendrar uma nova sociedade.**<sup>3</sup> (LEROUX, 1831, p. 646, *apud* SOUZA, 2021, p. 78, tradução de Souza, grifo nosso)

<sup>2</sup> O autor não incluiu a referência.

<sup>3</sup> No original: “Byron dans tous ses ouvrages et dans toute sa vie, Goethe dans Werther et Faust, Schiller dans les drames de sa jeunesse, Chateaubriand dans René, Benjamin Constant dans Adolphe, Sénancourt dans Obermann, Sainte Beuve dans le livre que nous venons de caractériser [ Vie, Poésies et Pensées de Joseph Delorme], une innombrable foule d’écrivains anglais et allemands, et toute cette littérature de verve délirante, d’audacieux impiété et d’affreux désespoir qui rempli aujourd’hui nos romans, nos drames et tous nos livres, voilà l’école ou plutôt la famille de poètes que nous appelons byronienne : poésie inspirée par le sentiment vif et profond de la réalité actuelle, c’est-à-dire de l’état d’anarchie, de doute et de désordre où l’esprit humain est aujourd’hui plongé par suite de la destruction de l’ancien ordre social et religieux (l’ordre théologique – féodal) et de la proclamation du principe de l’égalité, qui doit engendrer une société nouvelle.” (LEROUX, 1831, p. 646 *apud* SOUZA, 2021, pp. 78-79).

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

É fato que em vida Álvares de Azevedo publicou poucas traduções, contribuiu no jornal da Academia e organizou a *Lira dos Vinte Anos*. Todas as suas obras editadas constituem publicações póstumas. Vale ressaltar que a primeira edição de a *Lira dos Vinte Anos*, publicada em 1853, continha somente a primeira parte, sendo as demais acrescentadas posteriormente (CAVALHEIRO, 1954, p.25). Além disso, o autor viveu apenas até os 20 anos e não é incomum que, quem não o conheça, se pergunte o porquê de o escritor ser considerado o “Byron brasileiro”.

É necessário, porém, ser cauteloso ao atribuir o nome “Byron” a “Álvares de Azevedo”. De acordo com Barboza, os autores que sucederam o poeta tomaram todas as suas obras como fenômeno do Byronismo, algo que promove o apagamento das influências de outros autores ingleses, franceses e alemães nas obras de Azevedo.

É óbvio que por trás de tudo isso está Álvares de Azevedo, cuja influência sobre os escritores que se seguiram é incontestável, e por trás de Álvares de Azevedo paira certamente a sombra inconfundível de Byron. Mas, com referência a essa tradição de citar-se sempre Byron para explicar a obra de nosso poeta romântico, diríamos como Machado de Assis: “É justo, mas não basta”. As predileções literárias de Álvares de Azevedo incluíam inúmeros outros autores ingleses, franceses e alemães. O fato, porém, é que estabeleceu-se irremediavelmente o binômio Byron - Álvares de Azevedo, e as imaginações juvenis que se entregavam totalmente à influência desse último, aceitavam tudo que dele provinha como manifestação byronismo. [...] (1969, pp. 238-239)

Além disso, Barboza pontua que os autores seguintes a Álvares, como Varela, Castro Alves e Teófilo Dias, foram guiados diretamente pelo autor ao buscarem Byron na literatura e “não encontrando propriamente o que procuravam resolveram o problema dando o toque alvaresiano a poemas simplesmente byronianos”. Essa circunstância revela que é possível estabelecer um marco na Escola Byroniana Brasileira, entre as obras pré-alvaresianas e pós-alvaresianas, nas quais as obras posteriores ao poeta brasileiro recebem influência direta dele.

[...] Varela, Castro Alves, Teófilo Dias, tradutores, foram à procura de Byron guiados pela mão invisível de Álvares de Azevedo, e não encontrando propriamente o que procuravam resolveram o problema dando o toque alvaresiano a poemas simplesmente byronianos. Como se vê, no caso específico das traduções, os exageros funéreos revelam-se em byronianos de última hora, que na verdade estão pagando seu tributo à memória de Álvares de Azevedo. Poderíamos então afirmar que o fenômeno constituiu uma manifestação tardia de byronismo, já então completamente transformado pela individualidade poética de Álvares de Azevedo. [...] (BARBOZA, 1969, pp. 238-239)

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

O que se imagina quando se associa um autor a Byron está ligado intimamente não apenas a literatura do Lord, mas também a sua personalidade e a sua persona. Byron era a essência do herói romântico, exótico e fatal. Por conseguinte, a se comparar Maneco a Byron, não é incomum que haja a curiosidade sobre a personalidade do poeta, a fim de verificar se possuíam as mesmas excentricidades, ou mesmo de investigar se a vida seria igual a sua obra, macabra e sem pudor.

A crítica nacional se ocupou por um tempo sobre essa espécie de análise sobre as obras de Azevedo. Tentava justificar a produção textual baseando-se na biografia dele ou então o contrário, ao justificar os comportamentos do autor por meio das obras. Um estudo a fim de revisar a crítica alvaresiana, realizado por Oliveira (2010), revela que a primeira fase de análise às obras de Álvares, que vai até o ano de 1931, possuía exatamente essas ponderações de caráter biográfico e se voltavam expressamente aos seus poemas, desvalorizando as obras prosaicas. Exemplo disso é a crítica escrita por Couto de Magalhães, no ano de 1859, na qual ele realizou um estudo sobre *Noite na Taverna*, inferindo que a obra continha descrições de orgias praticadas pelos membros da Escola Byroniana. Isto é, para Magalhães, Álvares teria presenciado os acontecimentos e transcrito na obra. Além disso, em 1863, Ferdinand Wolf lançou um texto em francês dedicado a Pedro II, em que afirmou que as obras prosaicas azevedianas seriam aberrações imaturas, defendendo que apenas a poesia deveria permanecer.

Lembrando a esse propósito o prólogo do Macário, em que Álvares de Azevedo escreve que "esse drama é apenas uma inspiração confusa", acrescenta Wolf que a peça e a novela *Noite na taverna* "são na verdade aberrações de espírito, sem maturidade, transviado por leituras feitas sem escolha e agitado por uma ambição enferma, mas este espírito tem todos os sinais do gênio". Só sua poesia mereceria permanecer, conclui o autor austríaco. (OLIVEIRA, 2010, p. 16)

Felizmente, reconheceu-se o talento das prosas de Azevedo no ano de 1902 por meio de Silvio Romero, que as descreveu como obras recheadas de "páginas saborosamente escritas" (ROMERO, 2002, [s.p.], *apud* OLIVEIRA, 2010, p.23). Para Olivera, Romero defendeu o escritor como um dos poetas mais lidos do Brasil, caracterizando-se como um "produto" excepcionalmente nacional e indígena, pioneiro na desvinculação da literatura brasileira em relação à literatura portuguesa. Além disso, Romero reforçou que Álvares não teria sido nem um "moço meigo e puro ou um boêmio devasso" (2010, p.23), extremos investigados, debatidos e defendidos sobre a personalidade de Azevedo.

Para a comemoração do centenário do aniversário de Álvares em 1931, um marco na crítica azevediana ocorreu com a publicação de uma edição especial em função da data da Revista Nova (1931). Nesse número, foi realizada uma homenagem a Álvares contendo quatro capítulos de *Fra Gondicário*, nove textos de críticos renomados da época, tais como Arthur

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Motta, Afrânio Peixoto, Azevedo Amaral, Homero Pires, Mario de Andrade, e um texto sobre suas crônicas.

Em contrapartida, algumas análises sobre as obras de Azevedo têm por base a psicanálise. A crítica de Mario de Andrade foi uma delas. O texto intitulado “Amor e medo”, publicado na *Revista Nova*, tomou como referência as ideias psicanalíticas de Freud confrontando com algumas produções de Álvares para tentar justificar a opinião de que o autor de Macário sofria de fobia em relação ao sexo. Andrade utilizou trechos de poemas de Azevedo e os comparou com os poemas de Varela, Casimiro de Abreu, Castro Alves e outros autores. Segundo Mario de Andrade, o poeta utilizava muito do tema amor e medo, bem como descrevia a amada dormindo e citava muitas vezes a mãe e a irmã. Para Andrade, isso era sinal de que inconscientemente Azevedo tinha medo do sexo, afirmando que:

Em Castro Alves não tem dessas coisas. Sensualidade sadia, marcadamente viril, mesmo nas mais estilizadas metáforas, como no Gesso e Bronze. Não será preciso documentar a objetividade com que êle tratou do amor e da mulher, todos sabem disso. [...] (ANDRADE, 1931, p. 445)

No texto “Influência de Álvares de Azevedo”, Homero Pires destacou Azevedo como “a mais sonora e autentica voz do byronismo no Brasil” (1931, p.356), e discorreu sobre como influenciou os autores posteriores, sendo leitura comum logo no início da aprendizagem na educação da época. Pontuou também o valor da prosa na obra de Azevedo, mencionando José Verissimo, que realizou críticas anteriores em sentido negativo, a fim de defender que as prosas estão entre as melhores de Azevedo, a saber:

Lamenta José Verissimo, sem inteligência aliás, que a Noite na Taverna, Macario, Boemios, fossem das produções mais influentes em certos circulos literarios, principalmente naqueles que se compunham de moços. Para o crítico paráense, havia nisso falta de gôsto. A verdade, porém, é que aquelas composições estão entre as melhores de Alvares de Azevedo. E daí a sua repercussão. A da Noite na Taverna então é a maior de todas. [...] (PIRES, 1931, p. 358)

Afrânio Peixoto afirmou no texto “A originalidade de Alvares de Azevedo” que o gênero “negro”, o gótico perpetrado por Horace Walpole e Ann Radcliffe, seria um gênero grave e raro na literatura brasileira. Na resenha do crítico sobre *Noite na Taverna*, considerou que a obra é “preciosa página original, conto fantástico, único em nossas letras, situado entre “o horror de Poe e de Hoffmann, e a perversão de Byron e Baudelaire” (1931, p.345). O que evidencia a genialidade de Azevedo e a singularidade de *Noite na Taverna*, ao incorporar elementos do fantástico, do horrível e da perversão, configurando obra híbrida única na nossa literatura.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Para Oliveira (2010, p.39), um crítico de extrema importância para o estabelecimento de novo olhar sobre a prosa azevediana foi Antonio Candido, responsável por publicar entre 1954 e 1958 um ensaio que ressaltou o caráter nacionalista dos românticos intitulado “Literatura na evolução de uma comunidade” e “Ariel e Caliban”, capítulo da obra *Formação da Literatura Brasileira*, em que defendeu o poeta como precursor de elementos modernos do cotidiano, do banal e do grotesco. Além disso, Candido também foi responsável, ao realizar a palestra “Teatro e prosa de Álvares de Azevedo”, por valorizar a consciência estética de Azevedo, em 1981, na Academia Paulista de Letras.

Oliveira (2010) acrescentou que a partir das décadas de 1950 e 1960 a crítica começou a elaborar nova abordagem perante *Noite na Taverna*, defendendo a ideia de que a obra seria precursora do conto no país, bem como de sua importância na literatura popular e de cordel.

A partir desse período (meados dos anos 1950-60), temos um novo tipo de comentário sobre Noite na taverna, passando os críticos a considerá-la como precursora do conto no Brasil. Outra recorrência são as observações acerca da grande popularidade da obra, comparando-a ao cordel e à literatura popular. Assim faz Hermann Lima, em “A Evolução do conto”, quando aponta que a narrativa curta brasileira de expressão literária teve início realmente com as narrações de cunho fantástico de Noite na taverna [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 42)

Nesse momento, *Noite na Taverna* alcançou diversos públicos na sociedade e teve alta demanda, difundindo a imagem de Azevedo, com impressões até mesmo sem revisão adequada, o que a fez ser inclusive mais famosa que seus poemas.

Porém, Oliveira (2010, p. 56) defendeu que a valorização da prosa de Azevedo só foi se consolidar em meados dos anos de 1980 e 1990, momento em que surgem estudos de Marisa Lajolo, Antonio Hohlfeldt, Vera Tziezmann, Massaud Moisés, Antonio Carlos Secchin e diversos outros estudiosos. Em 1997, duas pesquisadoras se debruçaram a fundo sobre as obras de Álvares até os dias atuais: as pesquisadoras Karin Volobuef e Cilaine Alves (2010, p. 70). Apesar de a prosa de Azevedo demorar para ter a valorização e a compreensão de sua estética e temática consolidada, algo que difere de sua poesia, é possível verificar que ela é a parte da obra dele que mais cativa e reúne leitores ao longo das décadas.

Álvares se manteve vivo por meio das várias fases da crítica, mas também segundo os mitos e as lendas sobre sua pessoa. Como é o caso da lenda de que teria nascido na biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, desmentida por uma carta de sua irmã a Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, responsável pela publicação da primeira biografia do autor em 1931. As análises psicanalíticas sobre sua obra e vida, e as “investigações” sobre a vida devassa, ou beata,

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

do poeta também serviram para que a imagem de Azevedo se mantivesse acesa, pois geraram fortes discussões ao longo dos anos.

O mérito, porém, é apenas da genialidade de Álvares e da singularidade de suas produções, que o distinguem de toda a literatura nacional até os dias atuais. É por esse motivo que a influência do autor foi capaz de atravessar décadas pelo tempo, influenciando poetas, escritores e outras formas de produção, como no caso do conto. A literatura gótica de Azevedo se mantém viva e única por mais de cento e cinquenta anos, e muito provavelmente, assim permanecerá.

Quanto às escolhas políticas de Azevedo, pode se concluir que se direcionavam mais ao liberalismo e ao republicanismo, distanciando-se dos partidos conservadores e se aproximando de ideias nacionalistas, escolhas políticas essas que estão intrinsecamente ligadas à sua produção escrita, o que se constata em cartas, prosas, ensaios e outros.

### Considerações finais

O fenômeno “Byronismo” remonta a um período anterior às próprias produções literárias de Lord Byron e até mesmo à sua existência. Como se observou no movimento *Sturm und Drang*, na Alemanha, a literatura tem o poder de influenciar leitores a desenvolver determinados comportamentos. Ainda assim, não se pode negar que Byron seja a principal figura do Byronismo, que carrega o nome do escritor de maneira justificada. Por meio de suas obras e de seu comportamento pessoal, o poeta contribuiu decisivamente para a formação de uma identidade única no movimento, que impactou a personalidade, a escrita e o perfil psicológico de inúmeros byronianos, não somente no continente europeu, mas também no Brasil.

A Escola Byroniana Brasileira surgiu em contexto político conturbado e de intensas disputas sociais, tanto na Europa quanto no Brasil, em sintonia com o movimento literário ao qual pertenceu: o Romantismo. Desse modo, incorporou valores sociais de caráter revolucionário, por vezes liberais, que coincidiram com aqueles defendidos pelos românticos e pelo próprio Byron.

A Faculdade de Direito de São Paulo foi, inegavelmente, o berço da Escola Byroniana Brasileira, reunindo a maior parte dos autores e tradutores desse movimento, promovendo a circulação das traduções de Byron, bem como das produções dos acadêmicos byronianos. Ademais, a monotonia da São Paulo da década de 1850 contribuiu para que a imaginação e a criação literária florescessem, uma vez que os estudantes buscavam escapar do tédio pela

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

produção de versos, pela tradução de obras, ou mesmo pela participação em reuniões e celebrações de caráter boêmio e, por vezes, macabro.

Os autores byronianos brasileiros colaboraram com traduções, textos autorais publicados sob pseudônimo ou em referência direta a Byron, além de produções históricas, científicas e bibliográficas. Muitos deles exerceram papéis relevantes em cargos políticos e literários. Dentre esses autores, destaca-se Álvares de Azevedo, considerado o “Byron brasileiro”, responsável por exercer um marco no movimento ao adaptar as obras do poeta inglês de forma particular e inovadora. A produção azevediana incorporou elementos como a ironia e o macabro, criando uma binomia própria e abrindo caminho para novos gêneros literários, precedendo inclusive o gênero do conto. Tais características influenciaram fortemente os autores byronianos que lhe sucederam, como Fagundes Varela.

As traduções dos textos de Byron foram publicadas ao longo das décadas, primeiramente de maneira esparsa em revistas, magazines e jornais, e posteriormente em obras, reunindo-se com demais textos do autor fazendo parte de seus escritos sentimentais, sombrios e ultrarromânticos. De acordo com Agustini (2013, p. 194), foi apenas no ano de 1989, com o autor Péricles Eugênio da Silva Ramos, ao publicar *Poesias de Lorde Byron*, que seu humor e sátira, como em *Don Juan*, foram traduzidos e publicados no Brasil. É importante ressaltar que Byron até os dias atuais não possui uma antologia completa traduzida para a língua portuguesa e publicada. Apesar disso, é inegável sua importância, visto que influenciou a criação de uma escola literária, a produção de obras e a personalidade de diversos artistas e jovens da época.

Cabe ressaltar que ainda são necessárias pesquisas aprofundadas sobre o período que vai do surgimento à decadência da Escola Byroniana, pois grande parte das informações acerca dos autores participantes encontra-se em edições antigas, de difícil acesso e pouco debatidas nos ambientes acadêmicos contemporâneos. Além disso, no que se refere a Álvares de Azevedo, em especial, suas obras permanecem como fontes inesgotáveis de estudo e interpretação, merecendo estar presentes nas escolas, nas universidades e nas prateleiras de todos os brasileiros.

A Escola Byroniana Brasileira foi uma escola literária importante nas letras nacionais, tanto pelos feitos literários dos escritores byronianos quanto pelos feitos políticos, sociais e comportamentais, que geraram lendas e histórias que perduram até os dias atuais. Portanto, não deve cair em esquecimento. Deve ser estudada, investigada e lembrada pelas suas diversas obras e traduções heterogêneas, grandiosas, e pelo exemplo mais puro e fiel que foi do fenômeno Byronismo.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## Referências

ALMEIDA, Pires de. **A Escola Byroniana no Brasil**. Conselho Estadual de Cultura, São Paulo, 1962.

AZEVEDO, Álvares de. **Obras**. v. 2. Rio de Janeiro: Tipographia Universal de Laemmert, 1855. Disponível em: <https://literaturamaranhense.ufsc.br/documentos/?id=144376>. Acesso em: 11 set. 2025.

\_\_\_\_\_. **Obras**: precedidas de um discurso biographico e acompanhadas de notas pelo Sr. Dr. Jacy Monteiro. 3. ed. Tomo primeiro: Poesias. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: Garnier Irmãos, 1862. Disponível em: [Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: Obras de Manoel Antônio Alvares de Azevedo.: Precedidas de um discurso biographico e acompanhadas de notas pelo Sr. Dr. Jacy Monteiro. \(v. 1\)](#). Acesso em: 11 abr. 2025.

\_\_\_\_\_. **Obras**: precedidas de um discurso biographico e acompanhadas de notas pelo Sr. Dr. Jacy Monteiro. 2. ed. Tomo segundo: Prosa. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: Garnier Irmãos, 1862.

AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de. A coroação da rainha dos mortos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)**, v. 334, p. 197–210, 1982. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=893676&id=4080708996175&pagfis=152986>. Acesso em: 21 set. 2025.

BARBOZA, Onédia Célia de Carvalho. **Traduções brasileiras de Byron (1832-1911):** Contribuição ao Estudo das Influências Byronianas no Brasil. São Paulo, 1969.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de; CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. A Insurreição Praieira. **Almanack Braziliense**, n. 08, nov. 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/alb/article/view/11691/13462>. Acesso em: 10 out. 2025.

CAVALHEIRO, Edgard. **Álvares de Azevedo**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: era romântica. 1. ed. São Paulo, SP: Global, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 13 maio 2025.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

\_\_\_\_\_. **A literatura no Brasil:** era realista e era de transição. 1. ed. São Paulo, SP: Global, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 jul. 2025.

DE AGUSTINI, Lucas de Lacerda Zapparoli. O pé em que anda o Byron coxo no Brasil da tradução: com Don Juan. **Tradução em Revista**, v. 14, n. 1, p. 188-207, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/115764988/d668a1832a415a078753a89b66e89e07cae5.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

DUARTE, Eduardo. Lord Byron e as artes plásticas. **Arte Teoria**, Lisboa, n. 9, p. 269-287, 2007. Disponível em: [https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/10408/2/ULFBA\\_PER\\_Arte%20Teoria%209\\_Eduardo%20Duarte.pdf](https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/10408/2/ULFBA_PER_Arte%20Teoria%209_Eduardo%20Duarte.pdf). Acesso em: 11 abr. 2025.

FRANÇA, Júlio. O gótico e a presença fantasmagórica do passado. **Anais eletrônicos do XV encontro da ABRALIC**, v. 1, p. 2492-2502, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/52420382/00616\\_-\\_ABRALIC-2016\\_Gotico\\_e\\_Passado.pdf](https://www.academia.edu/download/52420382/00616_-_ABRALIC-2016_Gotico_e_Passado.pdf). Acesso em: 02 de jan. 2025.

\_\_\_\_\_. O sequestro do Gótico no Brasil. As nuances do Gótico: do Setecentos à atualidade. **Bonecker**, Rio de Janeiro, p. 111-124, 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/55259300/Gotico\\_completo\\_GRAFICA\\_dragged.pdf](https://www.academia.edu/download/55259300/Gotico_completo_GRAFICA_dragged.pdf). Acesso em: 02 de jan. 2025.

FREIRE, Rafael Argenton. **Byron and Álvares de Azevedo: Byronism in Brazil**. MPhil(R) thesis, 2010. Disponível em: <https://theses.gla.ac.uk/1990/1/2008FreireMphil.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2025.

GALT, John. **The life of Lord Byron**. [S.l.]: Project Gutenberg, 2003. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/10421>. Acesso em: 28 de mar. 2025.

GONDRA, José Gonçalves. **Sem Deus nem Rei? O Positivismo na Escrita da Educação Brasileira**. R. bras. Est. Pedag., Brasília, v.77, n.185, p.169-190, jan./abr. 1996. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/336131031\\_Sem\\_Deus\\_nem\\_Rei\\_O\\_positivismo\\_na\\_escrita\\_da\\_educacao\\_brasileira](https://www.researchgate.net/publication/336131031_Sem_Deus_nem_Rei_O_positivismo_na_escrita_da_educacao_brasileira). Acesso em 22 de jun. 2025.

LEONARD, William Ellery. **Byron and Byronism in America**. The Columbia University Press, Nova York, 1907. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Byron\\_and\\_Byronism\\_in\\_America\\_%28IA\\_byronbyronismina01leon%29.pdf](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Byron_and_Byronism_in_America_%28IA_byronbyronismina01leon%29.pdf). Acesso em: 11 jan. 2025.

NUNES, Clarice. A instrução pública e a primeira história sistematizada da educação brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.93, p. 51-59, 1995. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/848>. Acesso em: 25 abr. 2025.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

OLIVEIRA, Jefferson Donizeti de. **Um sussurro nas trevas**: uma revisão da recepção crítica e literária de Noite na taverna, de Álvares de Azevedo. São Paulo, 2010, 187 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-28092010-144643/pt-br.php>. Acesso em: 11 abr. 2025.

PAIXÃO, Alexandre Batista. Do leito de amor ao leito de morte: o byronismo de Don Juan e Haidée apropriado por Álvares de Azevedo. **Travessias Interativas**, São Cristóvão (SE), v. 14, n. 32, p. 55-74, set./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/n32p55>. Acesso em: 11 abr. 2025.

**REVISTA NOVA**. Homenagem a Álvares de Azevedo. São Paulo, v. 1, n. 3, 1931. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8064>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SANTOS, Fernando Cesar dos. **Romantismo**: concepções estéticas, culturais e historiográficas na obra Os Miseráveis (1862), de Victor Hugo. 63 f. 2014. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18151>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SOUZA, Patrícia Aparecida Guimarães de. O republicanismo [não] disfarçado de Álvares de Azevedo. **Incursão pelos Bosques da Ficção**, São Paulo, 2021.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

## A REVITALIZATION OF STUDIES ON THE BYRONIC SCHOOL IN BRAZIL AND THE WRITER ÁLVARES DE AZEVEDO

**Ana Luiza de Oliveira Hirsch**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

([ana.ohirsch@gmail.com](mailto:ana.ohirsch@gmail.com))

**Aparecida Maria Nunes**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

([cydamaria@gmail.com](mailto:cydamaria@gmail.com))

### ABSTRACT

This study is configured as an initial approach to an exhaustive work of a historiographical nature, with the objective of gathering biographical and literary information about the writer Álvares de Azevedo. To this end, it becomes necessary to bring to light certain information about the poet Lord Byron and his influence in Brazil, which enabled the creation of the Byronic School in the country, in which Álvares de Azevedo took part. In this manner, the work *A Escola Byroniana no Brasil* (1962), by Pires de Almeida, presents itself as a starting point for a review of the creation of this school and of how the profile of the poet Álvares de Azevedo was constructed. The article "A coroação da rainha dos mortos" (1982), by Vicente de Azevedo, was set in contrast for the undertaking of new studies and contemporary perspectives, in order to examine the school in Brazil in greater depth. It is further postulated that both Byron and Álvares de Azevedo call for a revitalization of studies and contemporary perspectives that may grant them their due importance within literary studies.

**Keywords:** Brazilian Byronic School; Álvares de Azevedo; Lord Byron; Revisited Brazilian Byronic School.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## UNA REVITALIZACIÓN DE LOS ESTUDIOS SOBRE LA ESCUELA BYRONIANA EN BRASIL Y EL ESCRITOR ÁLVARES DE AZEVEDO

**Ana Luiza de Oliveira Hirsch**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

([ana.ohirsch@gmail.com](mailto:ana.ohirsch@gmail.com))

**Aparecida Maria Nunes**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

([cydamaria@gmail.com](mailto:cydamaria@gmail.com))

### RESUMEN

Este estudio se configura como una primera aproximación a un trabajo exhaustivo, de carácter historiográfico, con el objetivo de reunir información biográfica y literaria sobre el escritor Álvares de Azevedo. Para tal fin, se hace necesario sacar a la luz cierta información sobre el poeta Lord Byron y su influencia en Brasil, lo que permitió la creación de la Escuela Byroniana en el país, de la cual Álvares de Azevedo participó. De este modo, la obra *A Escola Byroniana no Brasil* (1962), de Pires de Almeida, se presenta como punto de partida para una revisión de la creación de dicha escuela y de cómo se construyó el perfil del poeta Álvares de Azevedo. Se contrapuso el artículo “La coronación de la reina de los muertos”, de Vicente de Azevedo, para la realización de nuevos estudios y miradas contemporáneas, con el fin de examinar con mayor profundidad la escuela en Brasil. Se postula, además, que tanto Byron como Álvares de Azevedo demandan una revitalización de estudios y miradas contemporáneas que pueda conferirles la debida importancia en los estudios literarios.

**Palabras-clave:** Escuela Byroniana en Brasil; Álvares de Azevedo; Lord Byron; Escuela Byroniana Brasileña revisitada.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-30	2026
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>